Evangelho

A Mulher Adúltera

João: 8:1-11

João 8

- 1JESUS, porém, foi para o Monte das Oliveiras.
- 2 E pela manhã cedo tornou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava.
- 3 E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério;
- 4 E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando.
- 5 E na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?
- 6 Isto diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra.

João 8

- 7 E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela.
- 8 E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra.
- 9 Quando ouviram isto, redargüidos da consciência, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficou só Jesus e a mulher que estava no meio.
- 10 E, endireitando-se Jesus, e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?
- 11 E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno;

A mulher adúltera

Jesus regressa bem cedo do Monte das Oliveiras para o pátio do templo, e não demora o povo a cercá-Lo. Jesus senta-se e começa a ensinar conversando, respondendo a perguntas, confortando aflições.

Alguns fariseus e escribas repletos de ódio e despeito, trazem uma mulher e a acusam de adúltera, exigindo seu apedrejamento, conforme previa a Lei Mosaica.

A indagação se deviam ou não apedreja-la era uma autêntica cilada. Se o Mestre sentenciasse: “Podem apedrejá-la”, estaria negando todos os ensinos misericordiosos de sua doutrina. No entanto, se dissesse: “Não devem matá-la”, seria imediatamente acusado perante às autoridades como desrespeitador das leis, o que na época constituía-se em falta grave e verdadeira heresia.

Quando levam-na diante dele, o fato já estava consumado, e pedem uma resposta categórica.

Jesus ergue-se e utilizando de sua sabedoria, nem manda que eles cumpram a lei e nem se coloca contra a lei e diz: “Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela”.

Com essa postura devolve a eles o julgamento da mulher adúltera. E novamente inclinando-se continua a escrever na poeira do chão.

Os homens permaneciam ali impassíveis. Depois, pouco a pouco começaram a se retirar. Aproveitando-se do fato de que Jesus não estava olhando, eles foram esgueirando-se e escapando, os mais velhos primeiro e por isso os mais prudentes.

Haviam sido apanhados na própria armadilha que eles mesmos tinham preparado.

No fim ficaram apenas Jesus e a mulher. O Mestre pergunta: – Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?

– Não Mestre.

– Eu também não te condeno, vai e não peque mais.

Jesus ao dizer à mulher para que não pecasse mais, estava aconselhando para que não acontecesse coisa pior com as conseqüências dos seus desequilíbrios, pois sem a adesão da própria vontade, ao programa regenerativo, todas as medidas salvadoras resultariam imprestáveis.

Logo, não compactuou com o mau procedimento da mulher, mas advertiu-a de que a partir daquela lição não cometesse novamente o mesmo delito.

E o adultero?

Entre as reflexões que a narrativa sugere, identificamos a do errôneo conceito de adultério unilateral.
Se a infeliz fora encontrada em pleno delito, onde se recolhera o adúltero que não foi trazido a julgamento pelo cuidado popular? Seria ela a única responsável?
A atitude do Mestre, naquela hora, caracterizou-se por infinita sabedoria e inexcedível amor. Jesus não podia centralizar o peso da culpa na mulher desventurada e, deixando perceber o erro geral, indagou dos que se achavam sem pecado.
O grande e espontâneo silêncio, que então se fez, constituiu resposta mais eloqüente que qualquer declaração verbal.
Ao lado da mulher adúltera permaneciam também os homens pervertidos, que se retiraram envergonhados.
O homem e a mulher surgem no mundo com tarefas específicas que se integram, contudo, num trabalho essencialmente uno, dentro do plano da evolução universal. No capítulo das experiências inferiores, um não cai sem o outro, porque a ambos foi concedido igual ensejo de santificar.

Emmanuel

Conclusão

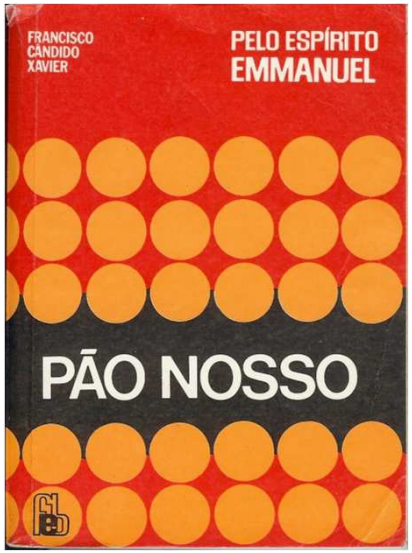
A tendência do homem é acusar e condenar os outros ao invés de olhar para seus próprios defeitos. É colocar-se numa atitude de superioridade e do alto de seu orgulho, apontar pecados alheios e pedir para eles a sentença da condenação.

Quem somos nós para julgar os outros? Para apedrejá-los com nossas acusações descaridosas? Deixemos à Deus o julgamento e aprendamos do próprio exemplo de Jesus a condenar o pecado e salvar o pecador.

Devemos aprender com as lições para não mais cometer o mesmo delito. Entretanto, é possível que venhamos a cometer novos equivocos, mas a lição de vida ficará para sempre, atendendo à Lei de Evolução.

Bibliografia

Livro
Sabedoria do Evangelho
Carlos Torres Pastorino



Livro
Pão Nosso
Emmanuel
Chico Xavier

Pesquisas
Internet
Diversas e
Portal do Espírito
www.espirito.org.br